

# UM PEDAÇO DA HISTÓRIA

Conversa com Avellar Soeiro, pioneiro das Relações-Públicas em Portugal



Entrevista com Abílio da Fonseca

Desde 1981 que conheço Domingos de Avellar Pereira Soeiro. Isso porque ele escrevera o prefácio do *Manual Prático de Relações-Públicas*, de Fernando Lozano, grande divulgador da actividade em Espanha. Nessa altura já repartia, há mais de dez anos, a minha actividade docente com a prática, um tanto empírica, do relacionismo. Saudei o aparecimento daquele livro, pois veio ajudar-me imenso na realização dessa tarefa dado que, nessa altura, a bibliografia, em português, era escassíssima.

Tal conhecimento era, pois, de enorme superficialidade, muito embora tivesse sido a leitura daquele prefácio a indutora da compra do livro. Em 1990, depois de vinte anos de direcção de comunicação num grupo empresarial do norte, aceitei leccionar Relações-Públicas no Instituto Superior da Maia onde, todos os anos organizamos um encontro ou congresso da especialidade. Para um deles, convidei Avellar Soeiro. Raras vezes um orador foi tão aplaudido naquele Auditório! Realmente é sempre um prazer ouvir os seus ensinamentos, os seus comentários, os relatos das suas experiências de vida. Há constante elegância natural nas suas palavras e atitudes de exemplar modéstia. E uma precisão enorme nas suas memórias quanto a nomes, datas, acontecimentos. Como investigador da História de Relações-Públicas sempre considerara imprescindível toda a informação que pudesse colher de Avellar Soeiro. É que raramente há informação *viva*!...

Ora foi precisamente após o nosso Congresso realizado em Maio de 2007, que, depois de muito instado, aceitou responder a algumas perguntas.

- Permita-me que comece por lhe perguntar onde nasceu.

- Sim. Nasci em Lisboa, em 24 de Junho de 1918. Os meus pais eram da média burguesia da época. Ao evocá-los, vem-me à memória que eles sempre pugnaram em formar-me o carácter dentro da sua própria linha de acção, através da postura consciente de procurar desempenhar uma profissão, qualquer que fosse, com a formação e experiência possíveis, mas, sobretudo, obedecendo a uma ética baseada no respeito pelos outros e tendo em conta a responsabilidade social.



- E os seus avós?

- O meu avô paterno era licenciado em Farmácia, embora eu só me lembre dele já reformado. Recordo-me que a minha avó era uma distinta senhora que usava chapéu com véu sobre o rosto; o chique da época...

O meu avô materno, Avellar Pereira, era uma personalidade mais complexa. Não o conheci, tal como não conheci a minha avó Aurélia, sua mulher. Sei que o avô era um homem inteiramente ligado ao teatro: foi empresário prestigiado e, a certa altura – contaram-mo já eu “crescidinho” - embarca para o Brasil, parece que por “mau relacionamento com a República”, ou ainda por causa de alguma ligação sentimental que partira em “tournée”... E lá foi e lá ficou para sempre. Por cá deixou a minha avó, com três jovens filhas, ao cuidado de outra familiar dedicada e compreensiva. Mas tudo na vida vai tendo solução. O que aconteceu mais tarde? Tudo se recompôs: minha avó parte para terras de Vera Cruz com a filha mais nova e por lá ficou também.

Em 1967 tive a oportunidade de fazer uma visita ao Cemitério de S. Paulo onde repousavam para sempre esses meus avós maternos.

- E o seu pai, que profissão exercia?

- O meu pai, curiosamente, pelo seu temperamento, mais parecia filho do que genro do meu avô Avellar, pois era um homem também muito dado às artes do espectáculo. Até fez teatro amador, aliás com talento. De profissão, era tesoureiro de um banco, com grandes relações comerciais, sociais e... artísticas, que lhe permitiram mais tarde ter ligações directas que muito ajudaram, afinal, a sua vocação: o cinema e o teatro. Foi o director de produção dos primeiros filmes sonoros portugueses integralmente realizados

em Portugal, a começar pela inesquecível comédia “A Canção de Lisboa”. Mais tarde associou-se a uma sociedade empresarial que contratou alguns dos mais famosos nomes internacionais do espectáculo: da música clássica, do ballet, do music-hall. Minha mãe, uma senhora da época, elegante, discreta, dona de casa, tranquila, e também atriz amadora... de vez em quando. Puro entretenimento, não por ambição profissional.

- E o seu pai quis que lhe seguisse as pisadas?

- Não. Ele ambicionava que eu fizesse carreira na Marinha, gosto que eu próprio também cultivava. Mas as classificações finais do meu curso do liceu não deram para a subida aos mastros, nem sequer para a lavagem do convés! O meu pai, compreensivo, tolerante, dizia-me com ironia: - Não foste para a Marinha... agora “amarinha”! ...

E lá se foi o “canudo”! ... E “amarinhei”, não tive outro remédio, sempre com ambição de vir a chegar a bom porto. E aconteceu! E foi a “Comunicação” que chegou até mim!...

- Jornalismo...?

- Não! A “Eastern Telegraph Co.” – importante companhia britânica de telecomunicações internacionais, por cabo submarino, que operava em Portugal já desde 1890 – aceitava dois “probationers”, isto é, candidatos a serem formados para operadores daquele então sofisticado meio de comunicação. Seriam três anos de curso, no qual a formação técnica requerida se associaria ao conhecimento avançado da língua inglesa. Fui admitido, e desculpe-me a vaidade, foi este meu curso encurtado graças ao meu conhecimento do idioma. É que, quanto às línguas, havia beneficiado do convívio com uma tia e um tio, de formações linguísticas francesa e inglesa, respectivamente, com quem, desde muito pequeno, eu convivía.

E lá iniciei a minha carreira de operador de comunicações.

- O conhecimento de idiomas estrangeiros sempre ajudou às carreiras...

- Sim, claro. O meu convívio britânico, iniciado na adolescência, permitiu-me horizontes bem mais alargados. Eis-me, calcule, a manusear mensagens em código e não só, em plena guerra de Espanha e logo de seguida na 2ª guerra mundial, de 1939-1945!

Nas mensagens que transmitia ou recebia, apareceu-me então, entre expressões inéditas para mim, uma sigla – P.R.O., tão repetidamente, que me surpreendeu. Qual o significado daquelas três iniciais? Expressão técnica ou idiomática, para mim desconhecida. Calcule-se, anos 40, do século passado! ...

- Que significava ...

- Nada mais, nada menos, do que uma função comunicacional, com tanta importância que, cerca de trinta anos depois, passou a ser a minha vida profissional! Queria dizer “Public Relations Officer”, isto é, o responsável por um departamento ao qual as pessoas se dirigiam quando algum assunto da maior importância aconselhava a sua consulta. Repare: “Public Relations”, expressão que o meu inglês, embora fluente, não

conhecia!...

- E então como entrou nesse mundo?

- Veja lá: ao ser transferido em 1941 para a função de assistente do “Officer-in-Charge” da Companhia, em Lisboa, essa minha designação já envolvia matérias do foro das “Public Relations”: isto, imagine-se, “in illo tempore”! ... Poder-se-á dizer que eu teria sido, então, sem dar por isso e sem nenhum deslumbramento, o primeiro P.R.O., em Portugal.

Deixe-me lembrar-lhe – se quiser com certa mágoa melancólica – que o primeiro comboio em Portugal arrancou somente após vinte e cinco anos da existência do caminho-de-ferro em Inglaterra e que o Metro de Lisboa circulou pela primeira vez em 1959, quando o “Underground” de Londres já rolava desde 1871, isto é, oitenta e oito anos antes !...

Lembro, a propósito destas efemérides, que tive o prazer de verificar, há pouco tempo, que o prestigiado “Correio da Manhã” assinalou o 100º aniversário sobre a publicação do primeiro “press release” da História, da autoria de Ivy Lee, justamente com base num trabalho meu.

- Interessante. Mas como é que ...

- Desculpe, desviei-me da sua pergunta. Como tudo tem um final, a Companhia haveria de cessar a exploração da sua actividade em Portugal por volta de 1965, pelo que resolvi, nessa altura, antecipar a minha aposentação.

Um anúncio, publicado no Diário de Notícias - veja bem! - em 31 de Outubro de 1959, deu um novo rumo, apaixonante, à minha vida.



Anúncio no *Diário de Notícias*, 1 de Novembro de 1959

Inesperado, inédito, mas muito oportuno. Título em inglês e a referência à entidade interessada: um “organismo oficial”; funções a desempenhar: “Public Relations”!

Então, veio-me à memória, a expressão que me havia surpreendido umas três décadas antes: “Public Relations Officer”. Concorri... e por haver sido seleccionado, após algumas entrevistas e troca de impressões com o secretário da Direcção, Eng.º Mário Gonçalves Ferreira e o próprio director daquela instituição, Eng.º Manuel Rocha, fui admitido a essas funções.



Ainda hoje pasmo – quem não teria o mesmo espanto? – pois, no mínimo, foi surpreendente a visão de modernidade do director da instituição, em criar uma função responsável pela imagem e pela comunicação daquele organismo, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, o LNEC que, sob a tutela do Ministério das Obras Públicas era, já então, uma instituição de investigação com enorme prestígio nacional e internacional!

Iniciei aí, pessoalmente e, aliás, no País, uma profissão “nova”, embora já com largos anos de existência noutros países.

Confesso-lhe uma coisa: o meu compromisso filosófico e profissional no âmbito das “Public Relations” foi, entre outros ofícios que exerci, a actividade que mais me marcou (talvez pelo seu ineditismo em Portugal). Por isso, permita-me fazer um “flash-back” – à moda do cinema – contando depois o que foi sendo a minha actividade profissional ao longo dos tempos, a que me dediquei profundamente, sem nunca descurar as responsabilidades profissionais e sociais a ela inerentes. Deixe-me, então, voltar atrás.

-Claro!...

- Recordo que, a par de estar ao serviço da Companhia inglesa que referi, foi-me entregue a tarefa da retroversão para inglês da documentação a apresentar, às entidades competentes, pelos nossos compatriotas interessados em emigrar para a África do Sul. Foi uma tarefa árdua, embora razoavelmente remunerada.

Desfolham-se rapidamente as folhas do calendário...

Depois comecei a interessar-me pela reportagem jornalística, que eu próprio documentava com fotografias, e aí estou a colaborar com o extinto semanário “Século Ilustrado”. Ao longo de muitos sábados, fui publicando apontamentos que pareciam ser do agrado dos leitores. O meu trabalho jornalístico virou-se ainda para a crítica radiofónica, na publicação da revista semanal “O Século – Rádio Mundial”.

Dei ainda farta colaboração na revista mensal “Fotografia” onde publiquei artigos didácticos sobre a arte das imagens...

- Mas não ficou por aí...

- De facto, eis-me, de parceria com um bom amigo, na prestigiada equipa do Rádio Clube Português – isto nos anos 40 – emissora privada, com uma larga audiência que concorria com a Emissora Nacional, hoje RDP.

Produzimos, ao longo de dez anos, um Rádio Magazine semanal, com a duração de meia hora – anunciado como “Actualidades Radiofónicas” – que incluía crónicas sobre vários domínios da informação, concursos, entrevistas com as mais diversas e importantes personalidades das artes, da música, do teatro, do desporto, sobre as matérias que poderiam constituir interesse para os ouvintes.

Registo ainda, a série de diálogos radiofónicos de que fui autor - “Palavras Cruzadas” - interpretados por Fernando Pessa, Artur Agostinho e Etelvina Lopes de Almeida, emitida semanalmente por duas das mais ouvidas emissoras privadas de então. Porque a época era de economia – estava-se em plena guerra – os programas iam para o ar em directo, e, apenas, muito excepcionalmente, se conseguiam uns metros de fio de aço para algumas gravações. A fita magnética e o disco eram um luxo discreto ... Conservo ainda, com um prazer enorme, um registo precioso com os autógrafos das individualidades entrevistadas ao longo das emissões naquele programa.

- E também “fez” televisão ...

- Sim. Quando ela apareceu cá, há 50 anos, aquela mesma parceria propoz à RTP, em 1958, um programa semanal, de características ligeiras, sobre a “biografia” do Fado. Sempre com cenografia diferente em cada episódio, interpretado por duas personagens, que de semana a semana se apresentavam em casas de fado diferentes, onde se escutavam os vários estilos, cantados por fadistas de renome.

Interessei-me muito, confesso, por esse trabalho, fazendo muita investigação sobre essa canção a que alguns chamaram de multissecular – o que não será rigoroso – e outros tantos baptizaram de “nacional” o que também não é, pois o Fado terá tido o seu berço nos modestos recantos de Lisboa, embora a classe alta o tivesse adoptado, absorvido e cultivado. Cheguei ao ponto de ter escrito e musicado, eu próprio, três fados que foram interpretados no referido programa intitulado “Tudo isto é Fado”.

Lembro-me que, mais tarde, já no LNEC, fui solicitado para fazer uma palestra sobre o Fado, integrada num dos serões culturais que se realizavam nas instalações do Centro de Convívio daquela instituição.

- Mas não ficou por aí ...

- Não. Desde que me conheço, sempre apreciei e cultivei o bailado clássico – o ballet, se preferir. Fiz algumas palestras sobre o assunto, com o pródigo apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, que me cedeu, nada mais, nada menos, do que os dois principais bailarinos da sua Companhia de Bailado. E aquela colaboração foi ao ponto de eu ter tido o privilégio de apresentar o novo guarda-roupa a ser estreado e, ainda, as gravações musicais dos excertos dos bailados que me serviram de demonstração.

Desculpe tantas evocações. Mas repare que, afinal, curiosamente, foram todas estas actividades sempre no âmbito da comunicação ... todas!

- Muito bem. E em Relações-Públicas ...

Regresso, então, à matéria que, certamente é mais do seu interesse, a profissão de Public Relations, expressão anglo-saxónica que apenas os países latinos, por apressada opção de tradução, apelidaram impropriamente de “Relações Públicas”, expressão que pegou. Lembro-lhe que a Associação Alemã se denomina “Deutsche Public Relations Gesellschaft”, sem traduzir a expressão de origem, como aliás fizeram as associações dos países nórdicos e mesmo a da Suíça. Tratou-se, pois, duma tradução facilitista embora isso, curiosamente, não tivesse acontecido com outros vocábulos igualmente importados e aportuguesados, como “marketing” ou “franchising”, sem falar na maioria dos termos usados nas modalidades desportivas.

Com vista à minha formação na complexa profissão das Relações-Públicas fui adquirindo sistematicamente, vasta bibliografia da especialidade, obras que muito contribuíram para a ampliação e actualização do que eu havia colhido durante o meu trabalho no Cabo Submarino Inglês. Continuadamente, ia estabelecendo contactos profissionais muito enriquecedores, durante as minhas deslocações, sobretudo em Londres e em Paris, quer no Institute of Public Relations (IPR), quer na Association Française des Relations Publiques (AFREP).

Isso ajudou-me a servir com mais eficiência no LNEC, mas também como consultor no exterior, devidamente autorizado por despacho ministerial.

- Estava a dizer-me ...

- Ingressado, então, como lhe contava, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, em Fevereiro de 1960 – sem nunca haver perdido da memória as iniciais P.R.O. de tempos remotos – tive necessariamente, que conhecer a “casa”, no tocante à sua orgânica, seus objectivos e até, o próprio léxico técnico ali usado.

Para resumir: por autorização superior foi-me proporcionado um programa de entrevistas com os responsáveis hierárquicos dos diversos serviços, que me elucidaram acerca da investigação que ali se desenvolvia.

Essas entrevistas eram enriquecidas por visitas guiadas que, ao mesmo tempo, me permitiram colher *in-loco* os conhecimentos necessários ao aperfeiçoamento das minhas competências.

Algum tempo depois do meu ingresso naquela instituição, sugeri à Direcção, o que foi aceite de imediato, que fosse criada a norma de ser dedicada atenção especial aos funcionários que fossem sendo admitidos.

Eram acções de recepção que eu próprio encabeçaria, como Encarregado das Relações Exteriores, dando-lhes as boas-vindas, prestando informações sobre a orgânica e as actividades ali desenvolvidas e conduzindo-os depois em visita guiada ao organismo. Eis aqui uma acção de Relações-Públicas internas...



- Esse exemplo tornou-se, depois, extensivo a outras organizações? ...
- Não tenho a certeza disso. Pode ter acontecido... Mas, na verdade, facilitou-me imenso o ulterior trabalho na recepção a visitantes de certa importância.
- E o associativismo? O seu frequente contacto com o IPR e a AFREP induziu-o a fundar uma associação semelhante, em Portugal ...
- De facto, assim foi. Correm os anos, a profissão foi-se impondo e, eis em 1968 a fundação da Sociedade Portuguesa de Relações Públicas (SOPREP), graças ao despertar do interesse pela actividade PR, primordialmente em empresas privadas e bancos e, também, embora em ritmo mais lento, em algumas instituições estatais.



- Nesse tempo concretizar uma associação era complicado!
- De certo modo. E, por isso, se optou pela designação de Sociedade e não Associação para se contornar os imperativos legais e para se dar mais abrangência aos seus associados, pois podiam filiar-se não apenas os profissionais desta disciplina, mas, também, os simpatizantes e investigadores do “fenómeno”, então novidade. E porque um edifício não se constrói apenas graças ao seu arquitecto, antes requer uma diversa participação, tal aconteceu com o fundador da SOPREP, que foi generosamente ajudado por outros entusiastas. Redigidos os seus estatutos que foram aprovados de acordo com a Lei em vigor na época – Decreto-Lei nº 37447 de 13 de Junho de 1949. Além disso, a SOPREP, requereu formalmente em 7 de Novembro de 1969, a sua filiação no Centre Européen des Relations Publiques – CERP. Ao realizar-se a sua primeira Assembleia-Geral, foi nela entendido elegerem-me seu Presidente Fundador, por unanimidade.
- É sabido que houve imenso fervor na SOPREP...
- Realmente. Foi elaborado e cumprido um ambicioso programa de acções como reuniões, debates, palestras informativas, com convites a entidades de relevo que, aliás, os aceitavam com gosto, sempre tratando de temas que pudessem contribuir para o conhecimento tão vasto quanto possível, das PR aplicadas. Por sua iniciativa ou por convite, representantes da SOPREP faziam diversas visitas informativas. Foi iniciada a publicação de um Boletim Informativo, tipo Newsletter, etc. etc.
- Tornava-se, então, premente, a formação académica de técnicos ...
- Já ia falar-lhe nisso. Pecaria se não evocasse a acção inovadora do Instituto de Novas Profissões. Antes mesmo da fundação da SOPREP, aquela escola soube muito bem responder à procura crescente por parte de estudantes da matéria, o que demonstrava o reconhecimento da importância ascendente das PR no nosso País. É por essa altura que



surgem empresas de consultoria de PR e outras denominadas de Comunicação e Imagem, que registavam o interesse duma cada vez maior clientela, a qual, aliás infelizmente, nem sempre tinha conhecimento claro das diferenças nas várias filosofias das acções comunicacionais...

- Ainda hoje isso vai acontecendo...

- Pois. Mas deixe-me voltar ao assunto da SOPREP e à devoção que lhe dediquei, procurando, sempre com entusiasmo, obter-lhe o prestígio que merecia essa organização. Pessoalmente, bem como aconteceu com outros bons *compagnons de route*, já me havia tornado membro profissional do Centre Européen des Relations Publiques, vindo a participar nas suas reuniões internacionais periódicas, realizadas em vários países onde já existiam associações nacionais, membros do CERP, que, em breve se transformaria numa Confederação, contando, todavia, com associados profissionais, a título individual.



A SOPREP veio, pois, a tornar-se também membro associado, para tal obrigando-se a reconhecer o Código de Ética da Profissão, conhecido como Código de Atenas, por haver sido promulgado numa assembleia geral do CERP, em Maio de 1965, naquela cidade grega. Reconhecido e adoptado pela SOPREP em Março de 1970, aquele documento, deveu o seu teor básico e a sua redacção ao respeitado e sempre evocado filósofo das Public Relations, Lucien Matrat, cujo primeiro centenário de nascimento se comemorou, aliás modestamente, no ano de 2006. A própria Associação de Relações Públicas de Portugal apenas o evocou, num artigo que fez sair na Internet e, talvez pudesse ter feito algo mais sob o ponto de vista mediático...

- É verdade! Mas parece que pela França, seu país natal, e julgo pela Associação Francesa que fundou, nem sequer foi lembrado naquela ocasião ...

- É um facto. Lastimável, mas é um facto. Lembro aquela data de 1970 porque se conseguiu a realização da Assembleia-geral anual do CERP em Lisboa. Fui disso encarregado, o que me honrou sobremaneira!

Ora, no ano anterior deslocara-me a Dublin, em missão do LNEC, que reconhecia o interesse profissional das minhas presenças nestas participações – onde teve lugar aquela magna Assembleia estatutária do CERP. Eu era o único participante português presente e responsável pela participação da SOPREP, como seu presidente.

Ali propus a realização em Portugal da assembleia-geral do CERP do ano seguinte e os argumentos que exibi convenceram os participantes, de modo que a proposta foi aceite por unanimidade e com aplausos, o que nunca mais esqueci esqueci.

A imprensa local fez disso notícia, e foi com a maior satisfação e grande surpresa ter sido procurado pelo Embaixador de Portugal em Dublin para me mostrar a sua satisfação.

A surpresa repetiu-se na semana seguinte ao meu regresso a Portugal, quando o director do LNEC enviou para meu conhecimento, no seu despacho, um ofício do Ministério dos Negócios Estrangeiros no qual constava a informação do Embaixador acerca da citada decisão daquele organismo internacional.

E assim, se realizou no nosso País pela primeira vez, a referida reunião, entre 28 de Abril e 2 de Maio de 1970, com uma muito expressiva e qualificada participação.

Com júbilo, deixo aqui recordado que esta iniciativa da SOPREP, mereceu, além do alto patrocínio do Ministério dos Negócios Estrangeiros e de outras autoridades, a grande cooperação de diversas entidades empresariais e bancárias portuguesas.



Terminada a sessão solene de abertura dos trabalhos, os participantes receberam com natural satisfação e surpresa a edição propositadamente impressa dos discursos então ali proferidos e, ainda, um exemplar do “Regimento da Casa das Índias e Mina”, na ortografia e grafismo originais, lendo-se no verso as respectivas traduções em francês e inglês.

A reprodução deste documento, até então inédito, surpreendeu todos os participantes nacionais e estrangeiros pela verificação de que, 500 anos antes, já havia sido expressa, em antecipação, uma filosofia de “Public Relations” por parte da governação portuguesa.

No respeito pela verdade, como sempre, devo aqui recordar a minha primeira eleição para Presidente da Conférence Européenne pour le Développement des Associations Nationales de Relations Publiques – CEDAN internacional no âmbito do CERP, proposta por um representante da Associação Grega, aprovada por unanimidade e aplausos, substituindo, assim, o colega belga que terminava o seu mandato.

Não me parece aqui despropositado realçar a importância do CERP a nível europeu, congregando ainda hoje a maioria dos países membros europeus, ocupando-se aquela Confederação da harmonização das regras e da prática profissional das PR. Lamento dizer que desconheço, hoje, a real posição de Portugal no âmbito dessa importante Confederação, como ignoro a própria actividade da CERP, que havia sido fundada em 1959, em Orléans, por iniciativa de Lucien Matrat com grande entusiasmo também de Claude Chapeau, a que aderiram cinco associações europeias e que, em 1987, agrupava já 16 países. A formalização oficial da sua designação como “Confédération” data de 1979.

Mas... deixe-me regressar e de vez, aos domínios das Public Relations. E não será curto o rol...

- Calculo...

- Por exemplo: uma das grandes acções PR lançadas pelo LNEC foi a organização de visitas públicas à instituição – as primeiras no género realizadas em Portugal, fosse da área empresarial, fosse de algum organismo estatal - abrir ao público as portas das salas administrativas, as áreas de estudos e dos ensaios em curso.

Primeiramente, aos familiares dos funcionários, para que pudessem conhecer e apreciar o que os seus próximos faziam, como o faziam, para que finalidades o faziam e os seus locais de trabalho. Ao mesmo tempo conheciam directamente o que era o LNEC, ouvindo sobre ele todas as explicações que pretendessem!

Outras acções semelhantes e de maior alargamento informativo: franquear ao público as salas de ensaio com os modelos de estudo em escala reduzida... durante alguns fins-de-semana, visto que é concebido que “As instituições públicas têm o dever de prestar contas...”



- E os reflexos na Comunicação Social?

- Pergunta bem. A colaboração dos órgãos informativos foi sempre muito generosa na divulgação dos meus *press releases* e de todas as iniciativas. Devo relevar que o Gabinete de Relações Exteriores do LNEC mantinha, com larga frequência, os media devidamente informados das acções e actividades do Laboratório, além de lhes proporcionar visitas especiais, com concertada assiduidade, o que criou óptimo relacionamento.

- Sem querer abusar da sua paciência, gostaria que relatasse, recorrendo à sua exemplar memória, algumas outras acções, ligadas às funções que desempenhou no âmbito das auditorias, da formação e da divulgação desta profissão tão nobre. Será possível?

- Vamos ver... Olhe, em 1963, participei no I Congresso Nacional de Turismo, em Lisboa com a comunicação “Obras Públicas e a Criação de Paisagens Novas”.

Nesse mesmo ano, a convite do Rotary Club de Lisboa, pronunciei uma palestra que intitulei “RPs – sua História e Aplicação”, registando-se no final, intervenções das personalidades presentes, o que foi uma bela oportunidade para o melhor esclarecimento desta problemática.

Ainda nesse ano, tomei parte no Congresso Mundial da Associação Internacional de Organização de Congressos, reunido em Copenhaga (eram 2000 participantes), com vista a colher informações mais pormenorizadas, tendo em conta o 1º Congresso Mundial de Mecânica das Rochas, que iria ser organizado no ano seguinte pelo LNEC, com a participação de mais de um milhar de especialistas provindos dos mais diversos países.

Em 1968 acompanhando em missão do LNEC a realização das 3.ªs Jornadas Luso-Brasileiras de Engenharia Civil, que tiveram lugar em Moçambique, fui convidado pela Sociedade Cultural da capital, ao tempo denominada de Lourenço Marques, para proferir uma palestra subordinada ao título “Relações Públicas e as Responsabilidades na Imagem das Instituições”

Veio-me agora à memória o convite que recebi, no final dos anos 60, da Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos para prestar a minha colaboração no programa de visitas técnicas no País, incluindo a Madeira, do Grupo de Trabalho das Nações Unidas, sedado em Genebra, dedicado à problemática da electrificação rural. Foi um trabalho árduo e complexo, que aceitei, devidamente autorizado.

- Mas não é por essa altura que ajuda a fundar uma empresa?

- De facto: entre 1970 e 1974, associado com o consultor britânico John Mumford, fundou-se a empresa “Ponte Internacional Lda.”. Fui ainda consultor associado da “PRIL -Public Relations International Ltd.”, tendo como *partners* os bons amigos Vítor Pinto de Sousa e Manuel Azevedo Rua, e ainda Amílcar Pinheiro, este, ao tempo, representante em Portugal da companhia brasileira de aviação VARIG. Infelizmente essas duas empresas viriam a cessar a sua actividade em 1975.

Ainda durante aquele período acumulei as funções de Director de PR na empresa operadora de turismo “Hotelcar SARL” e mais tarde, fui Presidente da Assembleia-

Geral do importante empreendimento turístico no Funchal, Florasol. Devo dizer que quaisquer destas empresas desenvolveram projectos e realizações de grande importância para clientes de muita representatividade económica e turística.

Em 1970 fui acolhido na IPRA (International Public Relations Association), como membro profissional.

- Uma actividade frenética ...

- É verdade. Entretanto, em 1971 em Barcelona, tinha-se realizado a “Reunião de Outono” do CERP, sob a minha primeira presidência na CEDAN.

Deixe-me destacar ter sido também em 1971 que a SOPREP diligenciou formalmente junto do Ministério competente na época, a oficialização da profissão em Portugal, o que foi sucessivamente protelado. Eu próprio, bem me recorde de ter tido duas ou três audiências com os ministros respectivos e sem sucesso.

O senhor, meu caro Abílio da Fonseca tem experiência idêntica pelas diligências formais que a Associação de Relações Públicas de Portugal – ARPP, que fundou, com sede aqui, no Norte, “ressuscitou” recentemente o mesmo processo e que eu saiba a situação mantém-se.

- É infelizmente, verdade. Os poderes públicos no nosso país, têm singularidades como esta: utilizam os Relações-Públicas nos seus serviços e têm tido uma inexplicável relutância em reconhecer, numa simples portaria, a sua existência, o que propiciaria o seu desenvolvimento, a sua responsabilização ética e a sua defesa, nomeadamente o impedimento de quem se intitula, indevidamente, como profissional da especialidade.

Mas, desculpe. Ia a dizer que ...

- No ano seguinte, isto é, em 1972, fui reeleito presidente da Conference Européenne pour le Développement des Associations Nationales de RP's (CEDAN), durante a Assembleia-geral da CERP, realizada em Milão.

Entre 1972 e 1974 fui eleito membro do Conselho de Administração da CERP.

Durante a década de 70, convidado pela conceituada revista “Relaciones Públicas”, editada por Fernando Lozano, fui a Madrid fazer uma conferência sob o tema de “Relações Públicas de ontem, Relações Públicas de hoje”.

Em 1973 participei no VI Congresso Mundial de Relações Públicas, em Genebra. Este congresso inaugurou as modernas instalações do Centro de Congressos daquela cidade.

Naquele mesmo ano fui convidado pelo Ministério da Educação para fazer parte da Comissão criada pela Direcção-Geral do Ensino Secundário para a inclusão no programa da disciplina de Relações-Públicas nos 10º e 11º anos do ensino secundário (via profissionalizante), o que foi promulgado e posto em execução no programa respectivo.

Alguns anos mais tarde veio aquela disciplina a ser retirada dos *curricula* sem qualquer explicação pública!

-Lembro-me bem disso. Era a disciplina de “Iniciação às Relações-Públicas”.

- Isso mesmo! Em 1975 fui membro do grupo de trabalho da Direcção-Geral para a Organização e Simplificação Administrativa, com vista à introdução de uma política de RP na administração pública, mas que não teve seguimento...

Entre 1977 e 1980 fui assessor de Comunicação e Protocolo, da Presidência da Câmara Municipal de Cascais, onde criei o Serviço de Atendimento ao Público.

No Instituto dos Pupilos do Exército falei sobre “O que são, afinal as Relações Públicas?”, numa prelecção destinada aos alunos finalistas.

Ainda em 1977 participei no Seminário sobre Comunicação promovido pelo Conselho da Europa, realizado na Secretaria de Estado de Informação, com a representação de personalidades responsáveis pela Informação em diversas instituições europeias. Também nesse ano, em colaboração com Gil Corrêa-Figueira, então director de Relações-Públicas da grande empresa de Reparações Navais SETENAVE, com o patrocínio de diversas entidades empresariais e bancárias, foi organizado um Seminário, com cerca de duzentos participantes, que decorreu no Hotel Ritz, em Lisboa. Este evento contou com a participação do director do Departamento de Informação e Relações Públicas do Conselho da Europa, que apresentou uma comunicação intitulada “L’image d’une Organisation Internationale : fruit de ses Relations Publiques”. Estiveram presentes e participaram ainda Lucien Matrat, Augusto Ferrer (então presidente da CERP), Philippe Boiry, Pierre-Jean Linon, membros da Association Française des Relations Publiques (AFREP) e também Alan Eden-Green, do Institute of Public Relations – IPR, de Londres, e ainda diversos colegas membros da SOPREP e de profissionais de quadros de instituições oficiais, empresariais, económicas e jornalísticas. Ali foram apresentadas comunicações do maior interesse e grande actualidade sob o tema geral de: “Relações Públicas – Reconhecimento das suas responsabilidades sociais no Mundo em mudança”. Este memorável Seminário foi promovido sob os auspícios do Conselho da Europa e da CERP.



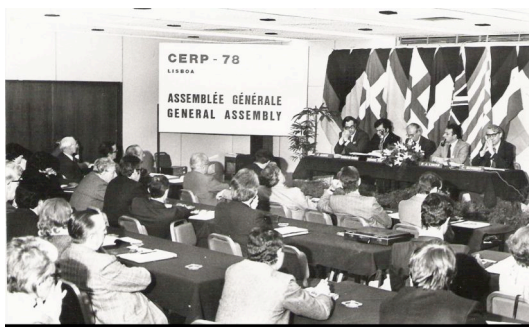
Entre as minhas participações nas diversas reuniões do CERP, ocorre-me a que teve lugar na bonita cidade francesa de Angers. Aqui tiveram grande actividade os três



Grupos de Trabalho, respectivamente dedicados aos consultores independentes, profissionais de quadros de empresas e os integrados no ensino de Relações Públicas.

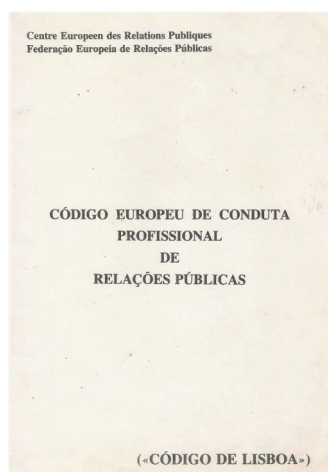
Em 1977 reuniu o CERP na cidade francesa de Macôn, a sua Assembleia-geral, onde apresentei na qualidade de presidente da CEDAN, um documento no qual salientava a importância deontológica do profissional PR. Avancei com a proposta da redacção de um texto formal sobre a matéria.

Recordo a discussão acalorada que isso provocou, por parte de certo sector um tanto “chauvinista” contrariando a minha sugestão, o que fez com que essa proposta ficasse adiada para a próxima assembleia.



- Mas não foi por essa altura que se realizou em Lisboa uma das mais célebres reuniões da CERP?

- Foi justamente em 1978. E, para mim e tantos outros Colegas da Direcção que tanto se esforçaram, essa reunião foi marcante: nela foi aprovado e promulgado o “Código Europeu Deontológico do Profissional de Relações-Públicas”, que ficou internacionalmente reconhecido e adoptado como “Código de Lisboa”.



- Deve ter sido uma ocasião de enorme satisfação profissional para si...

- Realmente, foi! Em 1979 realizei, no Instituto de Altos Estudos Militares, uma palestra sob o tema “RPs nas Forças Armadas”, e aceitei convites de estabelecimentos escolares, da antiga Guarda-Fiscal e outros...



Em 1981, apresentei uma comunicação sobre “As Relações Públicas e a Imprensa” num Seminário promovido pelo jornal “Correio da Manhã”. No ano seguinte, em outro seminário daquele jornal, falei sobre “RPs e Jornalismo – duas expressões diferentes na comunicação”.

- Isso tudo sem descurar o seu trabalho no LNEC.



- Exactamente. Nunca esmoreci nas tarefas que me eram confiadas... E até me envolvi, em 1983, com redobrado entusiasmo, na fundação da Associação Portuguesa de Relações Públicas (APREP), na qual fora transformada a SOPREP, por pretender-se que os novos estatutos dessem, a esta nova Associação, um carácter mais profissionalizante. Recorde-se que os estatutos originais da SOPREP previam a filiação não apenas dos profissionais, mas ainda a quem se interessasse pela problemática das Relações-Públicas.

- Deixe-me assinalar ainda que, em 1984, fui nomeado pela Secretaria de Estado do Ensino Superior para uma Comissão *ad hoc* para a criação do 4º ano do Curso Superior de Relações-Públicas, no Instituto de Novas Profissões, para a concessão do grau da licenciatura, o que foi favoravelmente despachado, e de cuja petição fui o relator. Também em 1984, em mais um seminário promovido pelo jornal “Correio da Manhã” apresentei uma comunicação sobre “RPs e Imprensa – Responsabilidades Deontológicas”.



Também nesse ano fui entrevistado pela BBC, em Londres, acerca da actividade de investigação desenvolvida no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, na qual relevei a colaboração financeira da Grã-Bretanha, no programa de Engenharia Sísmica e Remota que o LNEC estava a desenvolver. Ainda em 1984, colaborei intensamente na Conferência Internacional sobre Segurança de Barragens, promovida pela Faculdade de Ciências e Tecnologia de Coimbra, como consultor para a organização, tradução da documentação, supervisão em matéria de RP, protocolo, etc.

Do mesmo modo fui responsável nas 1ªs Jornadas de Engenharia Civil dos Países de Língua Oficial Portuguesa, promovidas pela Ordem dos Engenheiros, cujos trabalhos decorreram na Fundação Calouste Gulbenkian. Analogamente colaborei, como

consultor para a organização e protocolo nas 1<sup>as</sup> Jornadas Luso-Brasileiras do Património, promovidas pelo Departamento de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes, de Lisboa. Para a empresa PAVICENTRO de Aveiro, fui responsável pela organização e protocolo da cerimónia comemorativa do seu 20º aniversário, com a presença de alguns membros do governo e outras individualidades.

Em 1985 fui consultor para a organização do Congresso de Hotelaria Turismo, que teve lugar em Montechoro no Algarve

- E não descansou...

- De facto. Ao longo dos anos 80 fui membro da Comissão Franco-Portuguesa em representação do LNEC, a funcionar no Ministério dos Negócios Estrangeiros para atribuição de estágios de investigação

Em 1986 uma série de eventos teve o meu contributo como consultor. Por exemplo: o Congresso Internacional de Gastrenterologia e o Congresso Europeu de Endoscopia Gastrointestinal cujos trabalhos decorreram, respectivamente, nas instalações da Aula Magna da Universidade de Lisboa e Faculdade de Letras, tendo sido necessária a proceder à criação de um anexo, na alameda do *campus*, para cerca de 4000 participantes. Também nesse ano se realizaram as 1<sup>as</sup> Jornadas de Comunicação Social, promovidas pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa em que participaram, com relevantes discursos, altas personalidades dos foros político, turístico, económico e jornalístico e onde apresentei a comunicação “Relações Públicas e a Gestão Moderna”.

Ainda em 1986 participei na Assembleia-Geral da CERP em Roma, minha última missão ao estrangeiro ainda no LNEC.

Por essa altura participei, a convite do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas no painel “As RP numa Gestão Moderna”, integrado no programa das 1<sup>as</sup> Jornadas de Comunicação Social.

E foi nesse mesmo ano de 1986 que me aposentei do Laboratório Nacional de Engenharia Civil após vinte e seis anos de trabalho, sempre dedicado e sem esmorecimento.

- Sei que foi oficialmente louvado pelos serviços exemplares que ali prestou...

- É verdade! Mas, logo que soube da minha aposentação, o meu amigo de longa data Diogo Weinstein, convidou-me para ingressar nos quadros da sua empresa – CERTAME, que gozava de muito prestígio, com vista a alargar a sua actividade no âmbito das Public Relations. Ali me envolvi, também dedicadamente.

Em 1987, fui consultor para as Jornadas sob o tema “Cimento 87”, promovidas pela Associação Técnica da Indústria do Cimento, a decorrerem em Lisboa. Ainda nesse ano, fui prelector no “Encontro Nacional de RP nas Autarquias,” promovido pela Direcção-Geral da Administração Autárquica, com a palestra “RP – Instrumento de Comunicação”.

Em 1988 fui entrevistado pelo jornal “Novas”, editado pelo Instituto de Novas Profissões – INP, com o título “*Novas* ouve decano das Relações Públicas”.



Ainda em 1988, a APREP organiza o 1º Congresso Português de Relações Públicas, em que fiz parte da sua Comissão Organizadora e onde apresentei a comunicação “Relações Públicas e a Administração Pública”. Dois anos depois, a APREP organizou o 1º Congresso Internacional de Relações Públicas, sob o tema “Profissionalismo Europeu de RP: Ética, Eficácia, Credibilidade e o Futuro”, onde também apresentei uma comunicação. A propósito deste congresso, o Jornal “O Dia”, publicou a quatro colunas, uma “conversa” que tive com o respectivo redactor acerca do panorama das PR do nosso País.

Em fins de 1990 recebi, inesperadamente o convite para exercer o cargo de director de Relações-Públicas da empresa pública “Centro Cultural de Belém SGII”, à qual o Estado entregara a construção e apetrechamento do grande empreendimento que é o CCB – como hoje é mundialmente conhecido. Esta magnífica obra destinava-se a instalar a presidência portuguesa da Comissão Europeia, que ao nosso País caberia em 1992. Terminada esta, o CCB, conforme intenção original, destinar-se-ia a ser uma instituição destinada a exposições de artes plásticas, espectáculos, concertos, reuniões, congressos, etc.

Em 1991, no desempenho das funções de director do Gabinete de RP da empresa “Centro Cultural de Belém, SGII”, acompanhei a Amsterdam, Maastrich e Luxemburgo, o Presidente daquela instituição, bem como os engenheiros chefes, e directores técnicos da obra para visitas a organismos onde tinham lugar as reuniões do Conselho da Europa.



### Avellar Soeiro regressa à CERTAME

**regressa à**  
**returns to**

Ingressado nos quadros da CERTAME no início de 1984, logo após haver cessado, a seu pedido, as funções de responsável pelas Relações Exteriores do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Avellar Soeiro viria a receber, em meados de 1989, o convite para chefiar o Gabinete de Relações Públicas da entidade que teria a seu cargo a gestão da construção do Centro Cultural de Belém.

Embora vendo interrompida a colaboração que Avellar Soeiro vinha a prestar, anunciando-se, todavia que aquela missão teria um carácter temporário, a CERTAME manifestou de imediato toda a compreensão pelo facto daquele convite, a par da importância do cargo, traduzir o reconhecimento pelo prestígio profissional daquele seu colaborador, o que constitui motivo de natural regozijo. Aliviado, recentemente, das tarefas inerentes ao desempenho daquelas funções no CCB, Avellar Soeiro pôde agora voltar a prestar a sua colaboração à CERTAME que o recebeu de braços abertos!



Ingressing in CERTAME during the beginning of 1984, after ceasing, at his demand, the functions of the responsible for the External Relations of the National Civil Engineering Laboratory, Avellar Soeiro would receive, mid 1989, the invitation to lead the Public Relations' office of the entity which would be responsible for the management of the construction of the Centro Cultural de Belém.

The collaboration Avellar Soeiro was rendering had to be interrupted. Nevertheless, it was announced that this mission would have a temporary character. Certame demonstrated an immediate understanding for the invitation which, apart from the importance of the title meant an appreciation for the professional prestige of this collaborator, being a natural reason for contentment. Recently relieved of the tasks inherent to the performance of those functions at CCB, Avellar Soeiro can now come back to collaborate with CERTAME, which received him with open arms!

E ali permaneci até finais de 1993, quando fui confrontado com novo convite da CERTAME, para ali regressar, onde permaneci com a mesma dedicação anterior, durante mais algum tempo.

- Fale-me ainda de outras intervenções suas.

- Com muito gosto!

- E mais palestras...

- Sim. Em 1992, no “Seminário sobre Relações Públicas”, organizado pelo Instituto Superior da Administração, Comunicação e Empresa (ISACE), da Guarda, apresentei uma comunicação sobre as Relações Públicas na Administração Pública.

Já em 2001, no Instituto Superior da Maia, (onde nos encontramos para termos esta conversa) apresentei, no seu VIII Encontro de Relações Públicas, em que o tema geral era “Teoria e Comunicação Relacional: História, Teorias e Experiências”, a comunicação “RP de ontem, de hoje e de sempre – Conceitos e Deontologia”. E, por último, lembro-me que, em 2006, no “III Congresso Internacional de Relações-Públicas” promovido pela Associação Portuguesa de Relações Públicas, a ARPP, sob a égide do ISMAI e sob o tema “Boa Comunicação – Má Comunicação”, apresentei um trabalho sob o título “Comunicação: palavra dos mil significados”.

Entretanto factos insólitos e que não desejo lembrar, levaram a demitir-me, da APREP, juntamente com alguns outros colegas e nunca mais acompanhei o desenvolvimento da situação criada.

- Mas continuou a lutar pela Profissão...

- Evidentemente. Mesmo algum tempo após a minha aposentação. Porém vi que se lutava contra moinhos e nunca me senti um D. Quixote... Por exemplo: é, no mínimo, curioso que a profissão, até hoje não reconhecida formalmente, esteja definida na própria Classificação Oficial de Profissões... Continuamos, assim, a ver serem recrutadas e nomeadas pessoas para exercerem funções, até de elevada hierarquia, apenas por terem as chamadas boas maneiras e boa apresentação – tanto femininas como masculinas – e, sobretudo por parentescos ou relacionamentos sociais e até por afinidades políticas...

- E quanto a publicações?

- Se se refere a publicações em letra de forma, este foi o meu pecado... Tenho e conservo um espólio escrito das minhas prelecções, conferências, cursos, e vários artigos em jornais e revistas; por exemplo a revista da “Sociedade Portuguesa de Marketing”, a revista espanhola “Relaciones Públicas”, o jornal “O Tempo”, e outros mais. Mas, mesmo encorajado por colegas, instituições pedagógicas, amigos – eu sei lá?! Até pela família; o certo é que nunca tomei a iniciativa de editar um livro.

Quem cá ficar que busque no “baú” e lhe dêem o destino que entenderem... Todavia, não creio que seja uma tarefa fácil...

- E a sua actividade como docente?

- Gostei da pergunta. Foram várias as minhas acções de formação. Citarei algumas sem ordem cronológica pois o meu arquivo é pouco eficiente e a minha memória não as tem fixado:

Curso de sensibilização e informação sobre Relações Públicas integrado nas acções de aperfeiçoamento do pessoal administrativo – LNEC. No Centro de Estudos Técnico Económicos – CETEL – Cursos destinados a profissionais da indústria hoteleira, um deles especialmente realçando a comunicação no atendimento telefónico, no Hotel Penta em Lisboa. Ainda para a mesma entidade recordo também o curso ministrado a um grupo seleccionado de funcionários da Câmara Municipal de Lisboa, o qual se integrava no importante e oportuno projecto “Lisboa – Cidade Limpa”.

Outro curso solicitado pelo Comando Geral da PSP destinado aos quadros superiores distritais, no qual participou o próprio Comandante-Geral. Ainda para esta entidade dei algumas palestras de sensibilização e informação, no âmbito naturalmente das Relações Públicas, na Escola Superior de Polícia.

Integrado no curso de formação de oficiais da Força Aérea na Base da Ota, ministrei a disciplina de Relações Públicas, com a duração de três anos.



Fui professor da disciplina de “Relações Públicas”, do curso de formação na Brigada de Trânsito, a convite do então Comandante-Geral da GNR, que decorreu durante alguns anos.

Regi um curso destinado ao pessoal de terra e serviços administrativos da Companhia Brasileira de Aviação – VARIG, subordinado ao tema “ RP’s – Relações Humanas – Harmonização no Trabalho”.

Realizei um curso para o Gabinete de Informação e Relações Exteriores do Ministério da Indústria e Energia, com vista a realçar a importância das RP’s como instrumento de Comunicação, diferenciado da Propaganda e da Publicidade.

Outro curso da minha responsabilidade foi promovido pelo Serviço Central de Pessoal do Ministério para a Reforma Administrativa, sob o tema “Relações Públicas na Administração Pública”. Na cidade do Funchal realizei um outro curso sob o tema “Relações Públicas – Instrumento de Comunicação – Responsabilidade Social da

Informação”, para quadros empresariais das mais diversas áreas profissionais da Ilha da Madeira.

- Uma vida cheia...que bem pode servir de exemplo aos profissionais do sector e aos estudantes da especialidade.

- Admito que sim. Sabe? As pessoas, hoje, têm tudo mais facilitado pelas tecnologias: são os telemóveis, os computadores, a Internet. Mas estes são apenas instrumentos e eles só serão úteis se forem bem utilizados. Quanto mais fáceis teriam sido certas acções que desenvolvi! Olhe, por exemplo: quando era consultor da empresa Profabril que executava grandes projectos de engenharia, fiz o planeamento e estruturação da cerimónia do início dos trabalhos da construção do grande estaleiro da LISNAVE, na Margueira, após o aterro executado no Rio Tejo para tal fim. Lá, estiveram as mais altas autoridades e outras personalidades de relevo. Foram-me confiados a planificação daquele evento, o seu protocolo e o gabinete de imprensa. Dois anos mais tarde, de novo é solicitada a minha colaboração, desta vez para a estruturação do complexo projecto da maior cerimónia organizada, até aí, no País: a inauguração formal dos estaleiros navais e docas secas, então dos mais importantes do Mundo. Foi tarefa de tomo, por exemplo, movimentar cerca de cinco mil convidados, utilizando – “democraticamente” - autocarros alugados para o efeito. A lista das personalidades convidadas era constituída pelas mais altas individualidades do poder político, do foro económico, armadores, administradores de estaleiros, etc., incluindo um apreciável número destas personalidades vindas dos mais diversos países. Presença do Presidente da República, membros do Governo, Corpo Diplomático, Cardeal Patriarca de Lisboa, convidados diversificados, jornalistas nacionais e estrangeiros. Todos os colaboradores a operar nos estaleiros foram igualmente convidados para esta realização.

A problemática protocolar foi resolvida com a maior atenção.

Também na cerimónia de inauguração da ponte sobre o Tejo (Ponte Salazar e actualmente designada Ponte 25 de Abril), ainda como encarregado das Relações Exteriores do LNEC e em representação do Ministério das Obras Públicas, foi-me atribuída a missão de acompanhar protocolarmente o Director-geral duma importante entidade naval norte americana. Esta cerimónia constituiu um grande acontecimento, quer pela sua importância como obra de engenharia, quer pelas suas consequências de carácter social e económico.

Prestei ainda larga colaboração na cerimónia da inauguração da Ponte da Arrábida, no Porto, na qualidade de encarregado das Relações Exteriores do LNEC em que realizei acções de carácter protocolar para os convidados do Ministério das Obras Públicas.

Fui ainda consultor e assessor para a organização e protocolo da Direcção Geral de Transportes durante a reunião, em Portugal, do Conselho de Ministros dos Transportes da Europa.





Realizei numerosas visitas oficiais ao estrangeiro e fiz parte de várias missões a países como: antigas República Democrática da Alemanha e República Federal da Alemanha, Angola, Bélgica, Brasil, Dinamarca, Egipto, Espanha, França, Holanda, Iraque, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Moçambique, Reino Unido, Suécia e Suíça.

- De facto: uma vida cheia !...

- Desculpe. Receio estar a ser fastidioso por fazer tantas referências, mas o meu amigo sabe que não possuo o defeito da vaidade! Se falo nisto tudo é porque insistiu para que o fizesse.

- Justamente! E calculo que fica muito por contar. Sei que desenvolveu relações muito próximas com personalidades de relevo...



- É verdade. Tive o ensejo de receber e acompanhar Chefes de Estado, representantes de Casas Reais, renomados cientistas e diversas altas individualidades. Optei por uma diminuta selecção, evitando, assim, que esta entrevista não se transformasse num “Álbum de família”.

- Está a querer esconder-me que teve, durante a sua carreira, muitos louvores e distinções...



- Posso lembrar-me de algumas: o Diploma de Grande Mérito concedido pela Escola Nacional de Engenharia do Rio de Janeiro.



Distinção idêntica da Associação Brasileira de Relações Públicas (ABREP).

No meu processo individual enquanto Encarregado das Relações Exteriores do LNEC constam bastantes louvores, concedidos pela Direcção como reconhecimento pelo desempenho das minhas funções e as condecorações oficiais concedidas pelos 25 anos da actividade que ali prestei e aquando da minha aposentação. Em 1985, em 10 de Junho – Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, fui agraciado, pelo Presidente da República, com a Ordem do Infante D. Henrique, em cerimónia realizada no Palácio da Bolsa na cidade do Porto.

- Para terminar: que gosta de fazer nos seus tempos livres e quais os seus gostos pessoais?

– Sou membro da Sociedade de Geografia de Lisboa desde 1968, da sua Comissão de Emigração, e ali vou apresentando comunicações, com alguma regularidade.

Gosto imenso de Música, especialmente a chamada música clássica ou erudita, tendo preferência pelas grandes composições orquestrais e corais, e também a música de câmara. Quanto a instrumentos, sou um cultor do violoncelo em primeiro lugar, possuindo vasta discografia. Gosto muito, também, de jazz, o dos “bons velhos tempos”: New Orleans, Dixieland e os grandes compositores e intérpretes – de Gershwin a Duke Ellington, de Billy Holiday a Louis Armstrong. Sou admirador de Frank Sinatra de que conservo expressiva colecção discográfica e biográfica.

Também aprecio muito o Fado ou não tivesse eu produzido uma série de programas televisivos sobre esta canção. E sempre que posso, não me inibo de assistir a espectáculos de Ballet clássico...

- E de ler, claro?

– História, contos, ensaios e biografias. (Sou queiroziano devoto). Olhe, gosto também de fotografia. Fui dedicado amador fotográfico (preto e branco) particularmente nos anos 50 e 60 e até distinguido em vários salões – nacionais e internacionais, tendo efectuado algumas exposições. Fui o primeiro fotógrafo a registar os interiores do Museu da Fundação Ricardo Espírito Santos Silva, antes da sua abertura ao público.

- E Desporto?

– Pratiquei natação, participando nalgumas provas. Fui também praticante de ténis durante vários anos.

- E quanto a *hobbies*?

- Aprecio muito fazer trabalhos manuais: gosto de montar modelos reduzidos de monumentos, edifícios e veleiros. Realizo “Lâminas” ou “Registos”, peças de carácter votivo e decorativo, tal como foram originalmente concebidos por religiosos, de que possuo uma boa colecção. Cá me vou entretendo, pois o tempo, agora, já não me escasseia...

- Dr. Avellar Soeiro: a minha enorme gratidão por ter acedido – e com que riqueza – a falar-me de si e da sua belíssima experiência de vida. Fiquei a conhecê-la muito melhor e isso será extremamente relevante na formação de muitos profissionais das ... *Public Relations*. Muito obrigado.